

# Propostas corretivas

Os industriais paulistas acham que a atual recessão foi muito além do que seria desejável. Estão convencidos de que o ano de 1981 terá sido o pior para o parque fabril nas últimas quatro décadas. E pensam que isso pode valer para a economia brasileira como um todo.

As perspectivas para 1982, segundo eles, não são melhores, devendo manter-se o atual nível de atividade para a indústria globalmente, com flutuações em um ou outro setor. O presidente da Fiesp, Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, entende que esse foi um "preço superior" ao que deveria ser pago para superar as dificuldades de adaptação da economia aos novos níveis de preços do petróleo e das taxas de juros no mercado internacional.

A Fiesp lembra que os grandes problemas enfrentados no momento pela economia brasileira — inflação e dívida externa — são típicos de conjuntura de curto prazo. A médio e longo prazos haverá, segundo a entidade de cúpula do empresariado paulista, "as condições necessárias para atingir o status de potência emergente, desde que a política econômica adotada se guie por esses parâmetros, e não pelas teorias ortodoxas, que não servem a nós mas, exclusivamente, aos credores de nossa dívida no exterior".

Os industriais paulistas apontam um perigo: o de que o governo perca a perspectiva real e não adote as medidas "imprescindíveis" em um ambiente de recessão, perdendo a oportunidade para que essas medidas sejam eficazes. A estagnação é o que a Fiesp quer afastar: "uma vez instalado o processo de estagnação, perdido o impulso do desenvolvimento, sua retomada, mesmo que ainda possível, demandará esforços incomensuravelmente mais onerosos. E de muito pouco consolo será, nesse caso, a consecução dos objetivos de equilíbrio interno e externo".

## AS MEDIDAS

Entre tantas outras, que poderiam ser enumeradas, a Fiesp vê com clareza três medidas, que chama de "Corre-

tivas" e que no seu entender o governo deveria adotar para superar as dificuldades atuais:

1 — A "mais evidente e imediata" seria o pagamento, a curtíssimo prazo, das dívidas do governo para com o setor privado, cumprindo os compromissos assumidos desde o ano passado.

2 — A segunda, "extremamente aconselhável", seria a retomada, aceleração ou implantação de projetos de investimentos maciços nos setores de habitação e transportes urbanos de massa nos grandes centros, que permitam a absorção imediata de grandes contingentes de trabalhadores. Eles implicariam em encomendas também imediatas de bens e serviços de vários setores, levando a um considerável aumento da demanda sem contrapartida de importações.

3 — Um programa de colonização "em grande escala, que teria a vantagem de servir, segundo a Fiesp, de válvula de escape para as tensões crescentes provocadas pela questão fundiária. Esse projeto seria de resultados "mais distantes" quanto à produção, mas também imediatos quanto à redução da pressão no mercado de trabalho.

Os industriais paulistas ressaltam que não pretendem apresentar "fórmulas salvadoras", mas apenas contribuir para um debate que consideram "inadiável". Eles insistem em encontrar saídas "práticas e seguras", evitando que a atual recessão de transforme em estagnação.

O pensamento final dos industriais de São Paulo, porém, é positivo. Há dois meses, no Rio Grande do Sul, o presidente da Fiesp dizia, encerrando uma conferência: "estamos no caminho certo". Sexta-feira, em Londres, ele se repetia: "estamos no caminho certo". E completava: "não creio que estejamos caminhando para qualquer desastre. Penso que, com a participação dos mais diferentes segmentos de nossa sociedade e com a colaboração dos nossos parceiros internacionais nós não falharemos".